

# POLÍTICA DE DEFESA E SEGURANÇA NO BRASIL NO PÓS-GUERRA FRIA

Autor : Daniel Antonio Sanches Picoli contato: [danieldasp@gmail.com](mailto:danieldasp@gmail.com) tel. 19 8804 8500

Orientador: Professor Dr. Shiguenoli Miyamoto

**IFCH - INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Agência Financiadora - PIBIC/CNPq

Palavras-Chave: Forças armadas - Defesa - Geopolítica

## Introdução :

Esta pesquisa de iniciação científica buscou traçar as mudanças na política de defesa do Brasil, identificando as diretrizes que foram seguidas no governo militar até no pós Guerra-Fria, contando com a redemocratização nacional, a abertura neoliberal, criação do Ministério da Defesa até o fim do mandato do Presidente Luís Inácio Lula da Silva.

## Metodologia :

Os métodos adotados nesta pesquisa foram leitura de bibliografia e análise dos documentos oficiais. “Política de Defesa Nacional” de 1996, no mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, e “Política de Defesa Nacional” de 2005 e “Estratégia Nacional de Defesa” de 2008, ambos do governo de Luís Inácio Lula da Silva. A bibliografia escolhida foi de autores reconhecidos neste tema e algumas obras recomendadas pelo site do Ministério da Defesa.



## Resultados e Discussão :

Enquanto o regime militar governava o país, houve um desenvolvimento das Forças Armadas, como também do setor bélico nacional, mas a conjuntura da época não possibilitou desenvolver alianças estratégicas regionais de modo a garantir uma estabilidade no cone-sul, abrindo espaço para desconfianças mútuas entre os países vizinhos. Somando a este quadro, Brasil chegou a se impor como país sub-imperialista no continente sul-americano, de modo a, nas relações exteriores o país terminou concretizando maiores laços políticos e econômicos com países além mar. Por outro lado as Forças brasileiras criaram um parque industrial para menor dependência estrangeira do qual o Brasil colhe frutos até hoje. Entretanto as FA's desenvolveram-se com autonomia total uma das outras, resultando não em uma imponente força militar de três frentes, mas três forças separadas, dividindo nosso poder bélico no lugar de somar. Com o fim do regime militar como também do conflito ideológico leste-oeste, as preocupações dos castrenses se basearam em não perder seu status e autonomia, evitando o ocorrido com as Forças Armadas Argentinas. A globalização e o acirramento do mercado mundial fizeram com que no Brasil, na tentativa de se desenvolver economicamente, houvesse um sucateamento das Forças Armadas, e uma séria diminuição da máquina estatal.

As preocupações no contexto da nova ordem mundial seguiram mais uma linha de segurança do que de defesa, de modo aos países de primeiro mundo incentivarem o emprego militar das Forças Armadas a questões secundárias à soberania dos povos, como tráfico de drogas, contrabando e policiamento, diminuindo ainda mais o prestígio castrense. Com o desenvolvimento do MERCOSUL houve uma valorização do regional, e acordos envolvendo todas as esferas, inclusive a militar começaram a surgir com nossos países vizinhos. Com a primeira PDN e a criação do Ministério da Defesa, passou a existir um maior debate sobre as Forças Armadas, e um maior controle sobre elas por parte das instituições democráticas. Este desenvolvimento se seguiu no governo Lula, e os avanços continuaram com a promulgação da PDN II, que mesmo sob críticas, veio para acrescentar.



## Conclusão:

Neste trabalho foram assinaladas grandes mudanças estratégicas na esfera da Defesa e Segurança no país. O conflito leste-oeste ditou as diretrizes mais gerais seguidas pela estratégia e doutrina militar da época. Pontos interessantes a se frisar são as grandes mudanças ocorridas no tema da defesa nacional no período percorrido por este trabalho. Entre elas, quatro se destacaram no relatório final, e poderão se tornar objeto de uma próxima pesquisa. Primeiro, em um período de poucas décadas, ou uma geração, nosso país passou de sub-imperialista interventor a defensor da soberania e autodeterminação dos povos, comprometido com a paz internacional e protetor do regionalismo. Segundo, passou de produtor e vendedor de armas, com direito a projetos atômicos, a defensor do desarmamento mundial, na PDN. Terceiro, de três Forças totalmente independentes, nos últimos quinze anos se colocaram várias diretrizes para a ação conjunta das Forças Armadas. E em quarto lugar, fez de seu inimigo histórico, a Argentina, seu principal parceiro militar.